



---

## Um breve olhar sobre gêneros jornalísticos: o caderno Craque do jornal A Crítica<sup>1</sup>

Alice Pinheiro PEREIRA<sup>2</sup>  
Carlos Fábio Morais GUIMARÃES<sup>3</sup>

Faculdade Martha Falcão - Wyden, Manaus, AM

### Resumo

Este artigo expõe o quantitativo de alguns gêneros jornalísticos presentes no caderno Craque do jornal A. Com a finalidade de mostrar como o jornalismo esportivo está sendo produzido pelos profissionais. O objetivo é mostrar o quantitativo das matérias com os gêneros informativo, interpretativo e opinativo no Craque, por meio de método bibliográfico e documental. O resultado foi um número expressivo de textos com o gênero informativo, mostrando que o modo clássico de informar usado pelos jornalistas, não foi deixado para trás. Os outros gêneros obtiveram um número menor, mas sem deixar de serem significativos para o caderno.

**Palavras-chave:** jornalismo esportivo, gêneros jornalísticos, jornal impresso.

### 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo sempre esteve presente na imprensa nacional, mesmo com divergências de quando a especialidade surgiu. Em 1910, o jornal Fanfulla trazia páginas inteiras com informações de jogos italianos, e como essa população estava em um número bastante expressivo na cidade, o jornal ganhou popularidade, isso para Coelho (2004). Já para Bahia (1990), o jornal O Atleta é que teria dado início a este segmento. Seguido de Sport e Sportman.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 04 do II Congresso de Jornalismo da Amazônia..

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão – Wyden, e-mail: [alicepereira03@hotmail.com](mailto:alicepereira03@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Especialista em Língua Portuguesa e Produção de Texto pela Ufam e especialista em Jornalismo Científico pela Fiocruz/Amazônia. Professor de Comunicação Social da Faculdade Martha Falcão.



O fato é que seja no impresso, na rádio, na TV ou na internet, essa editoria tem um público cativo que anseia sempre por novas informações.

Nos últimos anos, verifica-se algumas mudanças nos formatos, querendo fugir um pouco do formato básico das notícias, os jornalistas esportivos passeiam pelo entretenimento, outros pela opinião, mas sem deixar o clássico informativo.

Em Manaus, o jornal A Crítica é um meio de comunicação com grande referência no esporte. A Rede Calderaro de Comunicação possui desde 2009 o direito de transmissão dos jogos do Campeonato – direito este que está garantido até 2020. A pesquisa será feita no meio impresso pois tem a facilidade de acessar as edições através da assinatura no A Crítica Digital tendo a possibilidade de filtrar as edições pelos meses, dias etc.

Os gêneros jornalísticos são classificados por Melo (2010) em cinco: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Já Beltrão (2010) reduz para apenas três: informativo, interpretativa e opinativa. Neste escrito será usado a classificação feita por Beltrão.

O objetivo deste artigo é evidenciar qual o quantitativo das matérias com os gêneros informativo, interpretativo e opinativo no caderno de esportes do jornal impresso A Crítica, que leva o nome de Craque, para que assim, possa saber como essa especialidade do jornalismo está sendo produzida neste meio de comunicação.

A metodologia foi realizada através de pesquisa bibliográfica e documental. A base bibliográfica principal usada é José Marques de Melo e Francisco de Assis e a documental é a edição digital do jornal A Crítica. Seguido de Paulo Vinícius Coelho, monografia de Nathália Ely da Silveira, outros livros, artigos e monografias

## **2. GÊNERO E GÊNEROS JORNALÍSTICOS**

A discussão de gênero literário tem sua essência na Grécia Antiga com Platão e Aristóteles. Passados vários anos, Seixas apud Aguiar e Silva (1979) explica que ele – o gênero - é como um indivíduo, um ser “que nasce, se desenvolve, envelhece e morre, ou se transforma. Tal como algumas espécies biológicas desaparecem [...] alguns gêneros literários morreriam, dominados por outros mais vigorosos”.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



Com relação ao pioneirismo desse estudo, os pesquisadores do jornalismo entram em acordo quando se fala que Jacques Kayser deu início ao estudo contemporâneo dos gêneros jornalísticos. Suas contribuições tiveram uma influência tão grande que Melo e Assis apud Parratt (2008) afirma sem dúvida que ele é o germe desses estudos sobre gêneros, principalmente no sul da Europa e em vários países da América Latina.

Vindo para o Brasil, foi Luiz Beltrão quem estimulou e juntou as ideias já esboçadas por um colega, compondo uma trilogia sobre os gêneros jornalísticos: A imprensa informativa (1969), Jornalismo interpretativo (1976) e Jornalismo opinativo (1980) estabelecem a principal referência brasileira.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), gênero é “1. Conjunto de espécies com a mesma origem ou as mesmas particularidades; 2. Tipo, classe; estilo; 3. Classe de estilo, técnica ou natureza artística ou literária”. Eles são classificados por Melo (2010) em cinco: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Já Beltrão (2010) reduz para apenas três: informativo, interpretativa e opinativa. Aqui será usado a classificação feita por José Marques de Melo, abrangendo os gêneros informativo, opinativo e interpretativo.

Não será explorado a esse ponto, mas é bom lembrar que além das divisões generalistas, há subdivisões que são os formatos. Em informativo temos a nota, notícia, reportagem e entrevista. No opinativo; editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Interpretativo; dossiê, perfil, enquete e cronologia. No utilitário há o indicador, cotação, roteiro e serviço. Por fim, história de interesse humano e história colorida, no diversional.

Melo (2010) destaca que a divisão é baseada nos princípios funcionais segundo a função de “descrever” ou “ler” o real. A razão do uso das expressões se dá por seu reconhecimento tanto nas instituições de ensino acadêmico quanto nas redações. Outra justificativa para o seu uso é a de designar um texto que seu propósito comunicativo mais se destaque, apesar de que outras possam estar lá de maneira secundária.



Melo e Assis apud Harro (2000) explica que gênero é uma convenção social para as formas fixas das mensagens jornalísticas que ordenam o que é apresentado diariamente ao leitor.

A divisão entre jornalismo opinativo e informativo vem sendo criticado e mostra como o debate em torno da distinção entre os gêneros ainda se mantém atual. [...] ainda que o processo de interpretação da realidade resulte em critérios, mesmo que subjetivos de seleção do que será notícia [...] no jornal, em se tratando de textos jornalísticos, os gêneros habitualmente relacionados à categoria opinativa são claramente identificáveis e se encontram legitimados. (MELO E ASSIS, 2010, p. 56)

Do ponto de vista processual, Melo e Assis apud Melo (2003) explica que o informativo é fruto da articulação que existe entre os fatos que eclodem na realidade e sua expressão jornalística por meio do relato que vida informar o receptor do “que se passa” nessa realidade.

No jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento. No opinativo, a estrutura dependeria do controle, pela instituição, da autoria e angulação [...]. (MELO, 2010, p. 45)

O opinativo se sobressai no texto jornalístico como um gênero estabilizado pois é facilmente detectável, de acordo com Melo e Assis (2010). Porém, como tudo no ‘novo jornalismo’, vem sofrendo um processo evolutivo. Outra afirmação necessária é a de que “todo discurso jornalístico é, por natureza, um discurso opinativo, mas não necessariamente um gênero de opinião”.

O jornalismo interpretativo tratava-se, então, de “uma categoria carente de configuração estrutural, cuja expressão narrativa oscila entre o estilo informativo e o opinativo [...] e que ainda não adquiriu fisionomia própria [...]” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 30). (MELO, 2010, p. 66)

Entretanto, identifica-se uma alteração neste gênero com o desenvolvimento da reportagem. É no gênero informativo que Melo e Assis apud Melo (2003) enquadrava o jornalismo interpretativo, por compreender que ‘a interpretação se cumpre perfeitamente através do jornalismo informativo.

### 3. JORNALISMO ESPORTIVO

Como falado no início, há uma divergência entre autores quando o assunto é o surgimento do jornalismo esportivo no Brasil. Voltando para a atualidade vemos como o



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



esporte se propagou de uma tal maneira que horas são dedicadas para falar sobre ele, não só em emissoras ‘que tem de tudo um pouco’, mas canais de TV com a grade de programação inteira dedicada a isso, sem esquecer as páginas no impressos. Não é à toa que Silveira apud Alcoba (1980) diz que esporte é produto que mais vende. Falando assim superficialmente já se tem uma ideia da relevância do tema na mídia.

Se existem 22 homens de 22 países, que falam diferentes línguas, pertencem a raças diferentes e professam religiões diversas, se lhes são uma bola e um árbitro, têm muitas possibilidades de entenderem-se, jogar e divertirem-se. (ZALDIVIA apud YANEX, 1995, p. 50). (SILVEIRA, 2009, p. 36)

Quando o esporte começou a querer ganhar seu espaço como editoria enfrentou um certo preconceito dos próprios jornalistas que consideravam ser um assunto fácil, sem importância. A ideia de que “qualquer pessoa pode escrever sobre esportes” pois “todo mundo entende” é totalmente errada. Sem esquecer que o público também implica com o profissional esportivo o vendo como um ‘palpiteiro’, e quando critica seu time já é taxado de ‘comprado’, ‘clubista’.

Os salários ainda são mais baixos e a editoria, nos grandes jornais, ainda é passagem para algumas pessoas. Ao mesmo tempo em que muita gente sai da faculdade querendo trabalhar com esportes – e isso é uma faca de dois gumes, porque você precisa estar preparado para ser jornalista de qualquer área – muita gente usa a editoria como porta de entrada e pensa em mudar de editoria quando precisa de salário um pouco maior. (SILVEIRA apud COELHO, 2009)

São vários os esportes que existem, cada um com suas regras, seu vocabulário, e sendo o futebol o mais famoso, acaba que os conhecimentos dos profissionais se voltam totalmente para ele. E se tratando também de outras modalidades existentes, é necessário que o jornalista tenha conhecimento de causa, precisa saber do que está falando, já que, atualmente, o público vai mais além do ‘torcer’, ele está mais crítico, quer mais do que simplesmente matérias sobre jogos dos campeonatos, quer saber dos treinos, quais táticas estão sendo usadas para o próximo jogo, as contratações, as vendas, os patrocinadores etc. Isso faz com que o jornalismo esportivo, de acordo com Silveira apud Alcoba (1980), seja caracterizado com um gênero superespecializado, pois em cada tema vem a complexidade existente e suas particularidades.



Alcoba (1980) fala em uma de suas publicações que para uma informação estar bem documentada são necessários oito pontos: as instalações, o material, o regulamento e programa, os técnicos e treinadores, os atletas, o confronto de dados e rankings, os aspectos históricos e os prognósticos. O autor também fala que para essas informações serem coletadas com credibilidade, o jornalista esportivo precisa ter acesso a fontes de informação, que são divididas em primárias e secundárias. Os esportistas, o clube, o técnico, os dirigentes, os empregados, os organismos, as entidades e as federações são classificadas como fontes primárias. Já as secundárias são o comercial, a publicidade e os órgãos políticos.

#### 4. JORNAL A CRÍTICA

O objeto de estudo deste artigo é o caderno de esportes do jornal impresso A Crítica, que leva o nome de ‘Craque’. Fundado em 19 de abril de 1949, a Rede Calderaro de Comunicação já passou por várias fases ao longo da sua história, foi do jornal impresso a era digital sempre firmando seu slogan “de mãos dadas com o povo”.

A presidente da RCC, Tereza Cristina Calderaro Corrêa conta para Taveira (1997) que usando um prelo alugado – primeira máquina de impressão do jornal - a família Calderaro e alguns amigos começaram a trabalhar.

“O papai praticamente fazia o jornal. A minha mãe como era professora de desenho, fazia toda parte de design do jornal: os títulos eram feitos à mão com nanquim e caneta de bico de pena. Ela fazia todas as divisórias, tarjas do jornal e estrelinhas à mão para dividir as notícias e pra fazer os boxes. [...] E como não tínhamos dinheiro para contratar e pagar os funcionários, ela, como professora de desenho, enfeitava o jornal. Trabalhavam no jornal também, papai, meus avós paternos e mais duas ou três pessoas, como o Seu Raimundo Costa e o falecido Waldir que era linotipista. Era um aquele grupo pequeno de oito a dez pessoas que tiravam o jornal (...).” (TAVEIRA, 1997, p. 3 – 4)

Os anos foram passando e o jornal foi ganhando espaço e visibilidade na imprensa amazonense, sendo pioneiro em alguns aspectos.

A partir de 65, o jornal passou a se consolidar. “Depois de 65, da Revolução, o jornal já estava bem consolidado, já tinha uma



liderança muito grande”, afirmou Cristina Calderaro Corrêa. Tanto que em 1967 inaugurou seu teletipo, vinculado à agência de Notícias Associated Press. Este foi o primeiro teletipo a funcionar no Amazonas. (TAVEIRA, 1997, p. 7)

Aparelhos modernos sendo adquiridos, dando mais rapidez e qualidade para o produto final.

E ainda em 67, adquiriu, em São Paulo, uma moderna impressora rotativa de marca Goss que podia imprimir 48 páginas em dois cadernos, de uma só vez, tirando por hora, 40 mil exemplares a cinco cores. [...] E em 1968 já tinha teletipo, radiofoto e uma grande rotativa. (TAVEIRA, 1997, p.7)

Essas melhorias trouxeram cada vez mais números para o jornal.

Em 69, conforme o editorial de 19 de abril, o Ibope constatou que *A Crítica* era o jornal de maior circulação. (TAVEIRA, 1997, p. 7)

Hoje, a família Calderaro, além de ser a dona do jornal de maior circulação do Amazonas, formou um dos maiores grupos de comunicação do Estado [...]. (TAVEIRA, 1997, p. 9)

Atualmente, o periódico é composto pelos cadernos: Caderno A, Bem Viver, Cidades, Craque, Dinheiro, Vida&Estilo, Classificados.

## 5. CRAQUE

De acordo com o Manual de Redação do *A Crítica* (1999), a editoria de esportes “é a responsável pela produção e edição de material jornalístico relativo aos eventos esportivos ocorridos no Estado, no País e no exterior”.

Em relação ao futebol, o Manual (1999) diz que “A CRÍTICA não é um jornal unicamente esportivo. Portanto, não devemos usar termos do tipo Mengo, Fla, Flu, Vascão, Naça, Galo, Diabo-rubro, Trem da Colina, Fogão, Timão. O correto é manter o nome do clube.

Mas analisando as matérias durante o período de amostragem, é notável a mudança no tocante aos termos. Os textos trazem esses termos mais informais sempre que possível, para que não fique tão monótono, além de dar uma proximidade com o time e o leitor.



Há 11 anos, o Craque, leva as informações sobre esportes regionais e nacionais de maneira humorística, criativa, dinâmica, mas sem deixar a credibilidade por baixo. Desde o seu início, os profissionais envolvidos na sua produção procuravam ‘presentear’ o leitor usando a inovação com textos criativos, ilustrações irreverentes, edições especiais, colunas de opinião – com o papo de CRAQUE – etc.

## 6. METODOLOGIA

A pesquisa deste artigo foi feita por meio bibliográfico e documental.

As bibliografias usadas para embasamento foram Melo e Assis (2010) e Lia Seixas (2009) para os gêneros e gêneros jornalísticos. Coelho (2004) e Silveira (2009) para jornalismo esportivo. Taveira (1997) para história do jornal A Crítica. A Crítica (1999) para as particularidades do caderno de esportes.

A documental foi o próprio Craque em formato digital.

## 7. GÊNEROS NO CRAQUE

Durante o período de 2 de fevereiro a 9 de março o Craque foi alvo de um breve olhar com o objetivo de coletar os números em relação aos gêneros jornalísticos das matérias que saíram no periódico durante o tempo estabelecido.

Verificou-se que os profissionais não fogem muito do clássico informativo, mas tanto o opinativo, quanto o interpretativo marcam presença no caderno.

Contagem dos gêneros jornalísticos das matérias de 2 de fevereiro a 9 de março	
Informativo	407
Opinativo	8
Interpretativo	61

O motivo pelo qual essa data foi escolhida para a contagem é o acontecimento do 1º turno do Campeonato Amazonense de Futebol 2019, então já era esperado um expressivo número de matérias e conseqüentemente de gêneros para classificá-las.





Essas 407 matérias do gênero informativo são basicamente de maioria relatos sobre jogos do Campeonato de Futebol, mas também tem as que falam de remo, artes marciais, natação, entre outros esportes.

As poucas de opinativo são na sua totalidade a coluna Papo de CRAQUE discorrendo sobre os times presentes na competição futebolística. Esperava-se um número maior neste gênero pela existência dessa coluna e pela possibilidade e liberdade que os jornalistas de opinar sobre o que está acontecendo no cenário esportivo.

O interpretativo é marcado na sua maioria pelas tabelas de pontuação do campeonato. Em outros textos trazia a ficha técnica do jogo, entre outros.

## **8. CONSIDERAÇÕES**

Diante de tudo que foi apresentado neste escrito foi considerada a classificação de gêneros usada por José Marques de Melo. Informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (artigo, caricatura, carta, coluna, comentário, crônica, editorial e resenha), interpretativo (dossiê, perfil, enquete e cronologia), – os não computados numericamente, mas sem menos importância – utilitário (indicador, cotação roteiro e serviço) e diversional (história de interesse humano e história colorida).

Como diz Melo (2010), os gêneros jornalísticos não são estáticos. Ao contrário possuem tendência híbrida e dialética. Estão intrinsecamente relacionados ao movimento da sociedade aliada aos meios de expressão social. Qualquer alteração nos contextos sociais e nos processos de difusão da informação pode ocasionar uma mudança nos gêneros, ou possibilitar uma nova nuance a ser considerada. A variabilidade e a mesclagem são características dos gêneros jornalísticos. Assumindo características próprias em cada localidade, sofrendo alterações por várias causas e adequando-se à realidade.



## 9. REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Caderno de esportes do jornal A Crítica comemora cinco anos.** Acesso em 19.03.2019.

\_\_\_\_\_. **Métodos de Pesquisa.**  
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 26.03.2019.

ALCOBA, Antonio López. **El Periodismo desportivo em la sociedade moderna.** Madrid, 1980.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo.** 2ª edição, São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DUARTE, Durango Martins. **Imprensa amazonense: chantagem, politicagem e lama.** 1ª Edição, Manaus: DDC Comunicações, 2015.

LIMA, Frânio; FARIAS, Flávio. **Manual de Redação do A Crítica.** 2ª Edição, Manaus: A Crítica, 1999.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil.** 2ª edição, São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** 1ª Edição, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento.**  
<http://www.fnpi.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>. Acesso em 27.03.2019.

NEVES, Thalita. **Aspectos da história do jornalismo esportivo.**  
<file:///C:/Users/alice/Downloads/Aspectos%20da%20historia%20do%20jornalismo%20esportivo%20-Thalita%20Neves-.docx.pdf>. Acesso em 28.03.2019.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 3ª edição, São Paulo: Editora Rêspel, 2008.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil.** 1ª Edição, Florianópolis: Editora Isular, 2007.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação.** <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/509/1/seixas-classificacao-2009.pdf>. Acesso em 29.03.2019.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo sob olhar de Alcoba e seus seguidores.**  
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/94442>. Acesso em 28.03.2019.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



---

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.**  
<http://especializado.jor.br/jornalismo-esportivo-conceitos-e-praticas/>. Acesso em 19.02.2019.

TAVEIRA, Eula Dantas. **A HISTÓRIA DO JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO AMAZONAS.**  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121679046419051101842472003243406683913.pdf>.  
Acesso em 28.03.2019.